

Dia Internacional da Mulher: muito além de flores!

*O homem pensa, a mulher sonha
Pensar é ter cérebro, sonhar é ter na fronte uma auréola.
O homem é um oceano, a mulher é um lago
O oceano tem a pérola que embeleza, o lago tem a poesia que deslumbra.
O homem é a águia que voa, a mulher, o rouxinol que canta.
Voar é dominar o espaço, cantar é conquistar a alma.
O homem tem um farol, a consciência; a mulher tem uma estrela, a esperança
O farol guia, a esperança salva.
Enfim...
O homem está colocado onde termina a terra; a mulher, onde começa o céu!*
(Victor Hugo, França séc XIX)

O Dia Internacional da Mulher representa um conjunto significativo de lutas das mulheres. Historicamente, as comemorações estão vinculadas às reivindicações por melhores condições de trabalho, por uma vida mais digna, justa e igualitária. Os fatos que marcam a data são muitos, a lida é antiga e tem contado com a força de mulheres que nos vários momentos da história da humanidade resistiram à dominação.

Nas últimas décadas, no entanto, tem havido distorção da data que, à semelhança de outras, vem sendo cada vez mais explorada com a finalidade precípua de estimular o consumo e, com isto, enevoando a vocação de luta que é a marca efetiva do 8 de março. O apelo à sacralização da mulher não é novo. Tem suas raízes no amor romântico que se inicia no século XVI, atingindo seu auge no século XIX, muito bem representado na poesia acima. Nessa sacralização, o lugar das mulheres se situa no etéreo, no inalcançável, no que existe somente na imaginação. São tão perfeitas e maravilhosas que não podem pertencer à terra, seu lugar é no céu. É a contradição entre o sagrado e o profano que destina às mulheres o inalcançável e, aos homens, a realidade e a concretude. A consequência imediata disto é que não há espaço para o feminino nas grandes decisões tomadas no concreto da vida. Aí, é natural que as mulheres “não tenham nem vez nem voto”. O poder de decisão tem sido da masculinidade conservadora que reitera a subalternidade feminina, muitas vezes representada pelas próprias mulheres. E todas têm pago um preço alto por serem subalternas. Ao contrário do que prega a poesia, a situação de vida das mulheres não tem refletido este romantismo...

O 8 de março surgiu como oposição a esta visão essencialista e naturalizada das relações entre os sexos, como consequência das lutas das mulheres inconformadas com a sua invisibilidade no espaço público e com a falta de direitos à educação, ao voto, a condições de trabalho dignas e salutaras, entre outras. No Brasil, estas lutas têm resultado

em avanços inegáveis nas políticas públicas, especialmente no campo dos direitos, que muito têm contribuído para melhorar a vida das mulheres. Por exemplo, nas duas últimas décadas, a legislação de proteção às mulheres vítimas de violência teve avanços importantes, bem como a legislação trabalhista, da educação, do controle social, entre outras.

No entanto, não vamos nos iludir. No tsunami conservador neoliberal que assola a sociedade brasileira no presente momento, não será surpresa vermos as conquistas duramente conseguidas se transformar em cinzas. Sob a égide do misticismo e da religiosidade modelo “ópio do povo”, temos testemunhado o apelo ao resgate de valores que, confrontando os ideais de luta das mulheres, têm estimulado sua subalternização e aprisionamento em usos e costumes castradores da autonomia feminina, especialmente no que tange ao uso do corpo. É a substituição do “meu corpo, minhas regras” pelo “rosa para as meninas e azul para os meninos”. Ressurge a valorização da princesa vestida de rosa, recatada e do lar. E, para cada princesa, é lógico, deverá haver um príncipe que a leve ao altar e lhe supra as vontades. E tudo isto muito bem justificado com a intenção de acabar com a violência contra as mulheres... Como se essa violência fosse um fenômeno de foro individual, sem qualquer determinação social mais ampla e dependesse apenas do “quando um não quer, dois não brigam”. E isto vindo de outras mulheres, o que é mais triste!

Se no espaço público, as dificuldades das mulheres persistem com baixos salários, dupla jornada, excesso de responsabilidades, o que se vê cada vez mais é que o romantismo rosa e azul se esvai de vez no espaço privado, na dimensão da singularidade, entre quatro paredes, na complexa trama que envolve as relações afetivo-sexuais. Para onde quer que se olhe - se o olhar for atento - o que se vê são mulheres [e seus filhos] sendo subjugadas e subalternizadas por seus homens ou mesmo outras mulheres. Tal dominação passa por cenas de violência com espancamentos, agressões e abusos, até fenômenos camuflados e quase imperceptíveis, caracterizados como violência psicológica ou simbólica, com desqualificação, piadas maldosas, estereótipias e outras manifestações da mesma espécie, tidas como *normais* dentro dos relacionamentos amorosos, muitas vezes travestidas de *elogios*. Se para os homens isto pode ser visto como natural, pior ainda quando as próprias mulheres reproduzem estas ideias e comportamentos ou não se dão conta do quanto isto as diminui perante si próprias e os outros.

Apesar de tudo, no seu Dia, vítimas do infalível apelo midiático, recebem flores das mesmas pessoas que as fazem sofrer, quase como para saldar uma dívida que se paga num dia e se renova no dia seguinte. No público, dirigente que assedia sexualmente, exalta as qualidades da *sua* trabalhadora, fazendo questão de seguir o tido como politicamente correto “*não sou nada sem vocês*”. Em casa, quase sempre aparece um “*parabéns pelo seu dia, querida*”.

Por isto, homens e mulheres – da política, dirigentes, namoradas e namorados, filhas ou filhos, companheiros e companheiras, amigos e amigas – violentos e não violentos, indiferentes ou cheios de atenção - no Dia Internacional da Mulher, por favor, não deem flores nem presentes, não elogiem ou exaltem mulheres *apenas para cumprir um protocolo social*. Se o fizerem que seja verdadeiro!

Neste dia - como nos demais - continuem sendo (para quem já é) ou se tornem (para quem pode vir a ser) parceiros e parceiras, na busca por uma vida mais digna, onde a regra seja o afeto, o carinho, a atenção, o reconhecimento do valor por mérito, jamais por obrigação.

Ao invés de reproduzir o mau gosto e a discriminação, insurjam-se contra a gozação descabida, a piada preconceituosa, a indiferença, a truculência das palavras, dos atos, das ações e das intenções que diminuem. Muitas vezes, uma palavra de carinho vale mais que um montão de flores ou uma jóia; um olhar profundo - daquele que olha e realmente vê - sacia mais que a exaltação vazia das *“qualidades femininas”*.

O que está faltando neste mundo é estar junto para o que der e vier, para tudo o que pode ser ou vir a ser, compartilhando a vida, os momentos de alegria ou de sofrimento. É dizer não à solidão e sim ao acolhimento, como preconiza a Enfermagem.

Vamos retornar às origens, tornando o Dia Internacional da Mulher mote para a busca de condições reais para ser feliz e fazer feliz quem nos cerca. Que a nossa inspiração venha da força de quem lutou ou continua lutando por uma vida com mais justiça, respeito e dignidade para mulheres e homens!

Rosa Godoy
Mulher, Enfermeira,
Presidente Nacional da ABEn
Gestão 2016-2019